

Frei Betto

A edição do JB de 07 do corrente estampa uma entrevista com o Sr. Carlos Alberto Libânio Cristo, internacionalmente conhecido por Frei Betto, no dizer na entrevistadora.

Dois pontos nessa entrevista chamam a atenção. O primeiro é aquele em que o entrevistado nega que haja uma “guerra santa” entre a Igreja Universal do Reino de Deus e certos órgãos da imprensa brasileira, nomeadamente os da Organização Globo. O segundo diz respeito a restrições de Frei Betto ao Santo Padre gloriosamente reinante.

Quanto ao primeiro ponto, é evidente que não se trata de nenhuma “guerra santa”, pois o que esta caracteriza é ser um conflito motivado por antagonismos religiosos. Em relação à Globo, o óbvio é ululante, porquanto a Rede Globo, organização comercial, é inteiramente laica. Mas o mesmo se há de dizer da pretensa Igreja Universal do Reino de Deus, pois não se conhece dessa instituição nenhum corpo doutrinário, mas apenas a sua atuação como evangelismo empresarial. Por conseguinte, se, por hipótese, houvesse um conflito entre a Igreja Universal e a Igreja Católica, continuaria a não haver guerra santa, pois só um dos lados, a Igreja Católica, é verdadeiramente igreja.

Consiste o segundo ponto numa crítica de Frei Betto a João Paulo II, a quem acusa de haver revertido “o processo de renovação promovido pelo Papa João XXIII, nos anos 60, que se refletiu no Brasil através da criação das Comunidades Eclesiais de Base, na reforma litúrgica e numa nova leitura da Bíblia”. Na verdade, o que o Papa João Paulo II fez (e continua fazendo) foi corrigir desvios a que certas correntes da emergente Teologia da Libertação pretendiam arrastar a doutrina católica. Para exemplo: uma releitura da Bíblia à luz do “evangelho” de Marx, a celebração do culto segundo ritos estranhos à liturgia romana, a sobreposição, nas Comunidades Eclesiais de Base, da ação política ao sentido evangelizador que as criou e lhes dá autenticidade. Vê-se, portanto, que Sua Santidade, o Papa João Paulo II, ao contrário de pontífice retrógrado, passará à História como regenerador da doutrina católica, contra desvirtuamentos, surgidos aqui ou ali, em razão de pretendidas e precipitadas modernizações, de todo incompatíveis com o sentido do *aggiornamento* pregado por João XXIII. E esse é um dos altos méritos que dão a João Paulo II a dimensão de uma das personalidades exponenciais deste nosso atribulado século expirante, senão a maior.

[Carta aos leitores]
(10/1/96)

*